



**(Des)Problematizando a Idade Média: Reflexões Sobre a Perspectiva do Gênero na Medievalista Brasileira (2000-2015)**

Cassiano Celestino de Jesus<sup>1</sup>

Bruno Gonçalves Alvaro<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, realizamos um debate historiográfico e teórico acerca da perspectiva do gênero nos estudos sobre o medieval. As reflexões foram realizadas a partir da análise das dissertações de alguns/as medievalistas brasileiros/as que tem desenvolvido trabalhos fundamentados nesse arcabouço teórico entre os anos de 2000 a 2015. Além de realizar um levantamento quantitativo de tais trabalhos, buscamos, sobretudo, compreender os caminhos seguidos por estes/as historiadores/as no que se refere às questões de gênero e perceber sob quais autores/as estão ancoradas as suas pesquisas nos últimos anos. Além disso, questionamos a possibilidade de se pensar o Gênero no Medieval, a partir de outros postulados e de outras abordagens diferentes daquelas apresentadas pelos/as medievalistas estudados/as.

**Palavras-Chave:** Idade Média. Gênero. Historiografia.

**(Des)Problematizing the Middle Age: Reflections on the Gender Perspective in Brazilian Medievalism (2000-2015)**

**Abstract:** In this article, we present a historiographical and theoretical debate about the perspective of the genre in the studies about the Middle Ages. The reflections were based on the analysis of the dissertations of some Brazilian medievalists who have developed works based on this theoretical framework between the years 2000 to 2015. In addition to carrying out a quantitative survey of such works, we seek, above all, to understand the paths followed by these historians in regard to gender issues and to perceive under which authors their research is anchored in recent years. In addition, we questioned the possibility of thinking the Genre in the Middle Ages, from other postulates, and from other approaches different from those presented by the studied medievalists.

**Keywords:** Middle Ages. Gender. Historiography.

### Introdução

Os chamados “Estudos de Gênero” têm, há muito tempo, despertado o interesse dos historiadores. Nos últimos anos, pesquisas ancoradas neste arcabouço teórico têm crescido nas mais diversas áreas do saber científico. Tais trabalhos vêm sendo descritos, compreendidos e explicados

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História e Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

<sup>2</sup> Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS).



das mais diversas perspectivas, contribuindo de modo significativo para a renovação temática e metodológica, ampliando áreas de investigação e renovando marcos conceituais tradicionais. Vem colocando novas questões, redefinindo e ampliando noções tradicionais do significado histórico.

Os estudos de gênero configuram-se como um campo da História Cultural e detém-se em discutir como uma dada visão de gênero construiu-se e impôs-se discursivamente num determinado grupo num certo momento. Visam, mais do que descrever e interpretar, analisar e explicar as construções de gênero, que implicam na configuração de instituições, representações e práticas pelas quais os grupos elaboram o masculino e o feminino, legitimando-as (SILVA, 2004).

A historiadora Carla Pinsky (2009), afirma que o Gênero adquiriu o mesmo *status* de categorias como Classe e Raça, e passou a ser considerado imprescindível em teorias que se propõem a explicar as mudanças sociais. Para a autora, uma das propostas da História preocupada com Gênero, é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações deste enunciado no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos.

Assim sendo, nos questionamos: é possível escrever uma História Medieval do gênero? A historiadora Carolina Fortes (2006), afirma que sim. Pois, tais estudos podem ser adequados à análise de qualquer época da História, inclusive ao período Medieval. Entretanto, segundo ela, para que seja possível uma História Medieval de Gênero é necessário que se temporalize este conceito e que este seja inserido no contexto histórico do Ocidente Cristão.

Ainda, segundo ela, a história de gênero preocupa-se em mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, e tenta evitar as posições fixas e naturalizadas. Para o caso do estudo da Idade Média não será diferente. A visão que aquela sociedade produziu em relação aos sexos constrói-se de acordo com seu próprio entendimento do que é ser homem e mulher, calcando-se, para isso, em uma série de fatores determinados por seu contexto histórico. Entender que a realidade histórica é social e culturalmente constituída é um pressuposto central para o pesquisador que usa gênero como categoria analítica.

Nos textos medievais, em sua imensa maioria escritas por homens, entendemos que o gênero está marcadamente presente quando os autores se referem às relações entre homens e mulheres em seus contextos ou se propõem a elaborar modelos de comportamentos para os dois sexos. Como



salienta Carolina Fortes (2004), as identidades de gênero se constroem uma com relação à outra, dado a mentalidade diacrônica da própria sociedade medieval. Sem dúvida, esta categoria pode ser utilizada para o estudo da Idade Média como uma forma de significar as relações sociais e de poder.

Neste sentido, objetivamos realizar um debate historiográfico e teórico acerca da perspectiva do gênero nos estudos sobre o medievo. As reflexões aqui apresentadas foram realizadas a partir da análise das dissertações de alguns/as medievalistas brasileiros/as que tem desenvolvido trabalhos fundamentados nesse arcabouço teórico entre os anos de 2000 a 2015. Além de realizar um levantamento quantitativo de tais trabalhos, buscamos, sobretudo, compreender os caminhos seguidos por estes/as historiadores/as no que se refere às questões de gênero e perceber sob quais autores/as estão ancoradas as suas pesquisas nos últimos anos.

O artigo está estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento, apresentamos um breve resumo das dissertações que por nós foi inventariada, mostrando sob quais teóricas/os do gênero que estão ancoradas tais pesquisas. No segundo momento, problematizamos a unicidade de tais trabalhos ao utilizar uma única perspectiva teórica para pensar as questões de gênero no período medieval e apontamos um outro possível conceito de gênero para estudar tais questões. Concluímos o artigo apresentando os Estudos Queer e sua possível aplicabilidade para pensar não só o gênero, mas, os corpos na época medieval.

### **Apontamentos sobre a Análise Historiográfica: O Uso da Categoria Gênero nas Dissertações Inventariadas**

Ao fazer um levantamento sobre os estudos de Gênero no campo da História Medieval, a historiadora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (2004), salientou que, de 1990 até o primeiro semestre de 2003, apenas 4 dissertações e teses das 125 pesquisadas empregam a categoria Gênero em suas investigações sobre o Medievo. Obviamente que hoje, em 2018, este número não é o mesmo. Mas, tal constatação evidencia que dos temas de pesquisas desenvolvidas pelas/os medievalistas brasileiras/os existem temáticas predominantes e outras esquecidas e que ainda há muito que ser explorado, tanto em termos temáticos, quanto em formas de abordagens.

Ainda, segundo Andréia Frazão (2004), as pesquisas que incorporam a categoria Gênero começaram a surgir em meados da década passada, mas ainda são quase pontuais. Em muitos casos, são trabalhos de conclusão de curso, como dissertações e teses, realizados como etapas da formação



intelectual e nos quais há, efetivamente, a motivação para estudar temáticas ainda pouco desenvolvidas.

Para o levantamento das dissertações analisadas por nós, utilizamos - assim como fez Frazão da Silva (2006) - os boletins semestrais publicados pela Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), que congrega os medievalistas de todo o país, que promove eventos acadêmicos e publica a revista *Signum*. Foram utilizados também os cadernos de resumos e as atas de eventos acadêmicos brasileiros referentes ao Medievo, tais como a Semana de Estudos Medievais, organizada pelo Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ e os Encontros Internacionais de Estudos Medievais da ABREM.

Além disso, também foram acessadas as revistas brasileiras especializadas em História Medieval, como a já citada *Signum*, a *Mirabilia* e a *Brathair*. Buscamos informações variadas disponíveis na internet, na Plataforma Lattes e no Diretório de Grupo de Pesquisas. E por fim, acessamos também as publicações do Laboratório de Estudos Medievais (LEME), o Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED), o Núcleo de Estudos Multidisciplinares de História Antiga e Medieval (NEMHAM) e o *Vivarium* - Laboratório de Estudos da Antiguidade e do Medievo. A seguir, temos (em ordem cronológica) as dissertações por nós levantadas, compostas por uma pequena síntese de tais trabalhos.

Nossas análises iniciam-se tomando como marco o ano de 2001, com a dissertação de mestrado “Relações de Gênero no processo de construção do Mosteiro de São Damião” da Prof<sup>a</sup> Valéria Fernandes da Silva, orientada pela professora doutora Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Em seu trabalho, desenvolvido junto ao Programa de Estudos Medievais (PEM) da UFRJ, Valéria Silva voltou-se para os primórdios da Segunda Ordem Franciscana a partir do estudo das normas que o papado impôs à primeira comunidade de seguidoras de Francisco que se fixaram na Igreja de São Damião, em Assis. Ela analisa, em perspectiva comparativa, as regras beneditina e franciscana e as formas de vida de Hugolino, de Inocêncio IV e de Clara de Assis. Em sua pesquisa a autora emprega a categoria Gênero tal como foi formulada pela historiadora norte-americana Joan Scott.



Valéria F. Silva conclui sua dissertação afirmando que na primeira metade do século XIII foram estabelecidas interdições comportamentais diferenciadas para os seguidores de Francisco com vistas ao controle da prática religiosa, criando um discurso de Gênero que buscava integrar homens e mulheres em um sistema de regras construídas, assimétricas e hierarquizadas.

No ano de 2004, temos a dissertação de mestrado “Os atributos masculinos das santas na Legenda Áurea: os casos de Maria e Madalena”, redigida por pela Prof.<sup>a</sup> Carolina Coelho Fortes, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leila Rodrigues da Silva, que foi apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ.

Em sua dissertação, Carolina Fortes analisou a obra Legenda Áurea de Tiago de Vorágine, frade dominicano do século XIII. Seu objetivo era discutir como este autor caracterizou as santas e santos em sua obra. Para tanto, estudou as vidas de dois homens, Domingos e Vicente, para depreender seus perfis de santidade e contrapô-los ao das santas Madalena e Maria, consideradas pela autora como representativas dos modelos do feminino no cristianismo.

A autora defendeu que em sua caracterização da santidade feminina, Tiago acabou por masculinizar as santas, ou seja, atribuiu a elas traços considerados masculinos na sociedade medieval ocidental, ainda que as tenha mantido com várias de suas características femininas. Ela concluiu que o padrão de santidade apresentado pelo hagiógrafo dominicano pressupunha uma valorização dos elementos considerados masculinos naquela sociedade, que foram alçados à esfera de perfeição. Há que ressaltar que, em sua introdução, fica clara a sua cautela em empregar a categoria Gênero, seguindo, também, as propostas teóricas de Joan Scott.

Já em 2005, tivemos a dissertação “*Wîp unde man ze rehte prüeven*”. A construção do feminino e do masculino em *Parzival* de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas” da Prof.<sup>a</sup> Daniele Gallindo Silva, orientada pelo professor doutor Álvaro Alfredo Bragança Junior, também apresentada e aprovada no Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ.

Em sua dissertação Daniele Silva analisa as relações e construções de Gênero estabelecidas nos Livros I e II da Épica Cortês *Parzival*, de Wolfram von Eschenbach, para demonstrar a relação do *Minnesänger* com o ideário cortês instituído na *Hohes Mittelalter* em grande parte das cortes da Europa Ocidental, no caso em questão, no Sacro Império Romano-Germânico. Para a autora, através da construção das personagens Belacâne, Herzeloide e Gahmuret, Wolfram reafirma padrões de



condutas e estabelece as relações entre feminino e masculino de acordo com o código de cortesia em voga na Literatura Cortês em *Mittelhochdeutsch*.

Em sua pesquisa, Daniele Gallindo Souza realiza a interdisciplinaridade entre duas áreas do conhecimento – História e Literatura – com vistas ao estabelecimento de um quadro informativo mais abrangente, que enriquece, valoriza e aumenta o cabedal de dados úteis. Tendo como arcabouço teórico os Estudos de Gênero, a autora concluiu sua dissertação apontando que o discurso em relação ao feminino é o misógino. As mulheres representadas em *Parzival* carregam consigo o grande ideal pregado pelo *Minnesänger*; a fidelidade. Delas só são esperadas boas ações e atitudes cortesias. O feminino idealizado simboliza, pois, uma extensão do masculino.

Em 2007 tivemos a dissertação “Gênero e construção da virgindade nas cartas de Clara de Assis para Inês de Praga e nas Legendas Menores: um estudo comparativo”, da Prof<sup>a</sup> Maria Valdiza Rogério Soares, apresentada e aprovada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva.

A autora teve como objetivo analisar, na perspectiva dos estudos de Gênero, tal como foi cunhada pelas teóricas Joan Scott e Jane Flax, as cartas escritas por Clara de Assis para Inês de Praga e as Legendas Menores, como a categoria virgindade foi construída por Clara, comparando-a com a presente em escritos hagiográficos dedicados a ela, compostos logo após a sua canonização. Seleciona como objeto de estudo os discursos sobre a virgindade no século XIII, na Península Itálica.

Por conseguinte, Maria Soares buscou relacionar a produção das cartas de Clara à Inês e das Legendas Menores aos ideais franciscanos, às transformações operadas no seio da Igreja e ao modelo de comportamento hegemônico esperado para as mulheres nobres no Ocidente no século XIII. Identificar e discutir como Clara constrói a categoria virgindade em suas cartas para Inês de Praga, a partir da categoria Gênero. Discutir como as Legendas Menores caracterizam a virgindade de Clara, também sob a perspectiva do Gênero. E, por fim, comparar a construção da virgindade por Clara de Assis com a presente nas Legendas Menores, visando explicar as diferenças e semelhanças entre elas.

Doravante, em 2008 o Prof. Bruno Gonçalves Alvaro teve sua dissertação de mestrado, *A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos*, apresentada e aprovada no Programa de Pós-



graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ, sob a orientação da Prof. Dr<sup>a</sup> Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva.

Em sua pesquisa, Bruno Alvaro preocupou-se em analisar, à luz dos Estudos de Gênero e através do Método Comparativo em História, como foram construídas as masculinidades no Medievo Ibérico. Não na Península Ibérica como um todo, mas sim, em casos específicos de Castela no século XIII, a partir da análise dos discursos de duas obras selecionadas, o Poema de Mio Cid e a Vida de Santo Domingo de Silos, escritos no século XIII pelos clérigos poetas Per Abbat e Gonzalo de Berceo, respectivamente.

Para o autor, através do estudo das vidas dos protagonistas das obras selecionadas, e a partir dessa “base” teórico-metodológica foi possível observar um mesmo ideal de masculinidade, comum a leigos e religiosos, construído mediante qualificações positivas como coragem, bondade, fidelidade, compromisso com a fé cristã, etc., e em seu relacionamento com outros homens e mulheres. A pesquisa se desenvolve através do arcabouço teórico desenvolvido pelos Estudos de Gênero postulados pela historiadora norte-americana Joan Scott, no seu clássico artigo “*Gender: A Useful Category of Historical Analysis*”.

Em sua pesquisa, Alvaro evidenciou as dificuldades encontradas nas suas análises inseridas nos Estudos de Gênero e, principalmente, no que se refere à conceitualização do termo “masculinidade(s)”; pois, segundo ele, trata-se de um campo cujas abordagens são múltiplas, sem precisões e conceitos definidos.

Doravante, em 2011 tivemos a dissertação “*Sore ich me ofdrede heo wolde Horn misrede*”: Um estudo comparativo da sexualidade feminina no Romance of Horn (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225), da Prof<sup>a</sup> Gabriela da Costa Cavalheiro, apresentada e aprovada pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação do Prof. Dr. Álvaro Alfredo Bragança Júnior.

Em sua dissertação, Gabriela Cavalheiro faz uma (re)leitura de dois romances insulares compostos no baixo Medievo Inglês, a saber, o *Romance of Horn* (cerca de 1170) e em *King Horn* (1225). Seu estudo se pautou no diálogo com diferentes autores e no uso interdisciplinar do aporte teórico e metodológico dos estudos em História Comparada, Gênero e Sexualidade. A partir da análise dos textos e de seus contextos discursivos, identificou que os saberes de Gênero permeavam



todas as expressões da sexualidade em ambas as narrativas. O conceito de Gênero adotado na pesquisa provém do pós-estruturalismo e, em específico, da teórica Joan Scott, porém, em diálogo constante com o que propôs a filósofa Judith Butler, tornando seu trabalho, a meu ver, inovador.

Uma das conclusões de sua dissertação afirma que as expressões da sexualidade feminina, impressas nos romances, são condicionadas por redes discursivas cujas inflexões de Gênero não demarcam corpos sexuados como objetos de desejo, mas acentuam, naqueles corpos, os elementos cortesões que os transformam em elementos afrodisíacos.

Por fim, em 2012 tivemos a dissertação “Construção de identidades de Gênero e afirmação régia: Os casais da realeza portuguesa entre os séculos XIV e XV a partir das crônicas de Fernão Lopes” da Prof<sup>ª</sup> Mariana Trevisan, apresentado e aprovado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, orientada pela professora doutora Vânia Leite Fróes.

Em sua dissertação de mestrado Trevisan analisa a relação entre a afirmação política de uma nova casa real e a construção de identidades de Gênero para os membros da realeza portuguesa a partir da Crônica de D. Pedro I, da Crônica de D. Fernando e da Crônica de D. João I, obras de Fernão Lopes, cronista oficial da dinastia de Avis.

O intuito era estudar como são construídas no relato lopeano identidades de Gênero para D. Pedro I e sua amante D. Inês de Castro (1325- 1355), D. Fernando (1367-1383) e a rainha D. Leonor (1350-1386). Identificando como são caracterizados os personagens, de modo positivo ou negativo, conforme os valores referentes ao imaginário da sociedade medieval e os propósitos da legitimação avizina. Enfim, a pesquisa centrou-se no estudo da construção discursiva de identidades de Gênero e sua relação com a afirmação do poder régio na baixa Idade Média portuguesa. A autora propõe uma abordagem que entende a política e o Gênero como elementos constituintes e essenciais das relações sociais e de poder. Sendo mais específico, ela utiliza-se do conceito de Gênero tal como foi proposto pela historiadora Joan Scott.

Nas dissertações acima citadas, percebeu-se que a teórica do Gênero Joan Scott é a mais utilizada e influente entre as/os medievalistas brasileiras/os o que pode ser explicado pelo fato dela ter sido uma das primeiras a refletir, de forma sistemática, sobre o uso da categoria Gênero nas investigações históricas. Desde 1990, Joan Scott prevalece como a teórica mais utilizada nos estudos de Gênero sobre o Medieval. Todos os trabalhos usam e abusam do conceito “scottiano” de Gênero.



É inegável que houve um avanço muito significativo na medievalística brasileira de 2000 a 2018. Entretanto, ainda continua sendo limitado os trabalhos que usam de forma efetiva o Gênero como categoria de análise. Como já apontou Andréia Silva (2006), muitos dos materiais produzidos são trabalhos de conclusão – monografias, dissertações e teses – ou textos diretamente ligados a esses, realizados como etapas da formação intelectual e nos quais há, efetivamente, a motivação para estudar temáticas ainda pouco desenvolvidas.

### **Joan Scott: Breves Considerações sobre o seu (tão utilizado) Conceito de Gênero**

Todos os trabalhos acima citados são ancorados nos postulados teóricos da historiadora Joan Scott. Dito isto, o que significa Gênero para esta autora pós-estruturalista? Quais foram as suas inovações para os estudos de Gênero a ponto de ser tão citada por estas/es pesquisadoras/es?

A contribuição de Joan Scott pode ser verificada no texto “*Gender a Useful Category of Historical Analysis*”, de 1986, posteriormente traduzido, em 1990, no Brasil com o título “Gênero: uma categoria útil de Análise Histórica”. Este artigo tornou-se um clássico, pois representou um dos principais avanços teóricos para as/os pesquisadoras/os interessadas/os pelos recentes campos, que começou a se consolidar no nosso país no início dos anos 90.

Para Joan Scott (1999), Gênero é constituído por relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e constituem-se no interior de relações sociais de poder. As relações de Gênero não só instituem o “verdadeiro sexo”, como também atuam no regime de uma heterossexualidade obrigatória. A autora articula Gênero com a noção de poder. Para ela, Gênero:

[...] tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1999, p. 30).

A definição de Gênero que Scott apresenta parte de duas proposições: a) Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; e b) Gênero é um modo primário de significar relações de poder. A primeira refere-se ao processo de construção das relações de Gênero. A segunda refere-se à pertinência da aplicação do termo como categoria de análise de outras relações de poder único, é um meio recorrente de proporcionar a significação de poder e conduz o historiador a buscar as formas pelas quais os significados de Gênero estruturam a organização concreta e simbólica de toda a vida social (PINSKY, 2009).



Seria uma questão institucional usar apenas a Scott? Não podemos desprezar o fato de que a produção historiográfica e/ou a escrita da História é fortemente influenciada pela localização em que ela foi realizada, pelo “lugar institucional” que a/o historiadora/o está inserida/o mobilizando o seu interesse e tipo de pesquisa. Todo trabalho historiográfico se articula com um lugar de produção socioeconômico, político, cultural, etc. Ele está, pois, submetido a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função do qual ele se organiza silenciosamente (CERTEAU, 1982).

Segundo Michel de Certeau (1982, p. 66) “a escrita da História se constrói em função de uma instituição”. O autor baseia sua argumentação no fato de que é através dos interesses de uma instituição que a História enquanto disciplina vai se organizar. Os desejos institucionais vão atuar desde a metodologia empregada, ou até mesmo na seleção das fontes, para as pesquisas a serem elaboradas. E no nosso caso, na teoria e/ou conceito escolhido. Portanto, o estudo histórico é produto de um lugar. Ele afirma que a atividade de pesquisa histórica está sempre inserida em um lugar, no qual, de acordo com os seus interesses, definirá o que pode vir a ser feito e o que não é permitido ser realizado.

De todas as dissertações lidas por nós, à única que apresenta um diálogo interdisciplinar com outras vertentes e teorias do Gênero é a dissertação da Gabriela Cavalheiro (2011), que realiza um profícuo debate entre Scott e Judith Butler, por exemplo. O seu conhecimento por outras perspectivas e conceitos de Gênero surgiram bem antes do seu mestrado, na época da graduação. Em entrevista, realizada por e-mail, Gabriela Cavalheiro afirmou que foi na época da graduação que ela teve contato com textos da Judith Butler e de outras críticas literárias inglesas e norte-americanas. Segundo ela, não foi indicação de nenhum professor ou pesquisador brasileiro, foram iniciativas bastante individuais (CAVALHEIRO, 2017).

Existe um oceano de teorias diante das/os historiadoras/es que podem possibilitar novas descobertas e novas perspectivas de análise sobre o passado. Diante de tantas possibilidades, é necessário à/ao pesquisadora/o escolher um só paradigma, ou um único sistema teórico? Há autoras/es incompatíveis uns com as/os outras/os, bem como conceitos que não podem ser misturados entre si sob hipótese alguma? Existem “autoras/es consagradas/os”, cuja contribuição é inquestionável e definitiva? E mais que isto, aceitar imposições cegamente não é contraproducente e limitador?



(BARROS, 2014). Como foi apresentado anteriormente, temos inúmeros trabalhos sobre o medievo que baseiam suas pesquisas somente no arcabouço teórico da autora Joan Scott.

É possível pensar o Gênero a partir de outros postulados? Sendo mais específico, é possível pensar o medievo a partir de uma outra abordagem? Diante de tais questionamentos, queremos apontar outros possíveis conceitos/abordagens de Gênero para quem se interessa por tais estudos no campo da História Medieval. Para esta pesquisa, nosso foco se voltará para a perspectiva da autora Judith Butler e os chamados Estudos Queer.

### **Pensando em outras Teorias para Refletir sobre o Medievo: Judith Butler e seu Conceito de Gênero**

Ao conceituar Gênero, tanto a filósofa estadunidense Judith Butler, como sua colega Joan Scott – falando a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, altamente influenciada por Foucault – destacam que tanto Sexo quanto Gênero são, em primeiro lugar, formas de saber, isto é, conhecimentos a respeito dos corpos, das diferenças sexuais, dos indivíduos sexuados. Ambos são conceitos históricos (no sentido de possuírem uma história, serem passíveis de uma genealogia) e, desta forma, mutáveis no tempo e no espaço (BUTLER, 2008).

Butler (2008), desfaz a distinção sexo/gênero para argumentar que não há sexo que não seja desde já e, desde sempre, Gênero. Todos os corpos são “genderificados” desde o começo de sua existência social, o que significa que não há “corpo natural” que preexista a sua inscrição cultural. O Gênero não é algo que somos, é algo que fazemos, um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos. Ela desenvolve essa ideia logo no primeiro capítulo de seu livro *Problemas de gênero*, ao afirmar que:

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser. Para ser bem-sucedida, uma genealogia política das ontologias dos gêneros deverá desconstruir a aparência substantiva do gênero em seus atos construtivos e localizar e explicar esses atos no interior dos quadros compulsórios estabelecidos pelas várias forças que policiam a sua aparência social (BUTLER, 2008, p. 33).

O Gênero é um estilo corporal, um ato, uma “estratégia que tem como finalidade a sobrevivência cultural, uma vez que quem não “faz” seu gênero corretamente é punido pela sociedade. Assim, Butler afirma que o Gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo



que é algo que “fazemos”, e não algo que “somos”. Ela afirma, antes de mais nada, que todo Gênero é, por definição, não natural.

A autora diz isso para então começar a desfazer a conexão entre sexo e Gênero que muitos acreditam ser inevitável. Isto é, espera-se que alguém biologicamente fêmea, exiba traços “femininos” e num mundo heteronormativo (no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Desta forma, ao falar que o Gênero é “não natural” ela quer evidenciar que não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e seu Gênero.

Butler torna-se extremamente enfática e repetitiva (até mesmo cansativa) em afirmar que o sexo e Gênero são resultados do discurso e da lei. Ela utiliza-se da crítica da hipótese repressiva formulada por Foucault, que refuta o pressuposto generalizado de que a sexualidade no século XIX era reprimida pela lei. Argumenta que, em vez disso, a sexualidade era produzida pela lei e que, longe de um silêncio em torno do sexo, o que havia, no século XIX, era “a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais” (FOUCAULT, 1988, p. 22). Assim, falar sobre o sexo é um modo de, simultaneamente, produzi-lo e controlá-lo. Isso leva Butler a argumentar que, ao mesmo tempo que proíbe as uniões homossexuais/incestuosas, a lei as inventa e as provoca. A própria lei produz e proíbe.

Ao colocar novas questões em relação ao passado, a nos levar a repensar a História, a observá-la com os outros olhos, e a demandar novas investigações, os estudos pós-modernos, como o queer, não abriria novas possibilidades de investigação e descobertas? Não estamos querendo impor um novo dogma ou modelo teórico-metodológico para a pesquisa em História Medieval, não se trata de mostrar superioridade desta ou aquela teoria-metodologia. A ideia é apresentar/refletir sobre os possíveis novos modos de ser trabalhar e estudar o passado. Abrir o olhar para novos horizontes, uma vez que a História é uma ciência em construção.

Desta forma, queremos apontar as potencialidades e possibilidades que a Teoria Queer pode trazer para o medievalismo. Parafraseando a Guacira Lopes Louro (2015), a irreverência e a disposição da Teoria Queer nos incitam a jogar com suas ideias, sugestões, enunciados e testá-los no campo da História. Queremos apostar em suas articulações, por em movimento o subversivo, arriscar



o impensável, fazer balançar estabilidades e certezas. Não temos qualquer garantia de conseguir sucesso nesses movimentos, mas tentamos ensaiá-los.

### **O que é a Teoria Queer?**

Antes de prosseguirmos nossas reflexões, se faz necessário fazer uma pausa para explicar o que vem a ser a corrente de estudos conhecida como Teoria Queer. Não existe uma definição absoluta, bem definida e imutável sobre esta vertente de estudos. O Queer é plural. Ele transita e é heterogêneo. A ideia é possibilitar que pessoas (estudantes ou não), que não conhecem e não tem uma familiaridade com esta teoria, possam ter uma introdução e/ou alguns conhecimentos prévios sobre este campo de saber.

A Teoria Queer questiona, provoca, gera desconforto, incômodo e, sobretudo, perturbação. Ela modifica o nosso olhar para pensar os corpos, as sexualidades e o Gênero. Ela desestabiliza porque permite pensar “para além dos limites do pensável” (LOURO, 2015). O impensável – leia-se uma sociedade não fundada na proibição das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo - não está fora da cultura, antes dentro dela, apenas de forma dominada. Emerge assim um pensamento queer, não-normalizador, uma teoria social não-heterossexista e que, portanto, reconhece a sexualidade como um dos eixos centrais das relações de poder em nossa sociedade (MISKOLCI, 2014, p. 17).

As origens da Teoria Queer remontam ao fim da chamada Revolução Sexual, dos movimentos liberacionistas e gays e do curto período de despatologização da homossexualidade, retirada da lista de enfermidades da Sociedade Psiquiátrica Americana, em 1973. Foi em meio ao refluxo conservador detonado pela epidemia da AIDS (1970-1980) que pesquisadores/as de diversos países desenvolveram análises inovadoras sobre a hegemonia política heterossexual.

É possível afirmar que “Teoria Queer” é um rótulo que busca abarcar um conjunto amplo e relativamente disperso de reflexões sobre a heterossexualidade como um regime político-social que regula nossas vidas. Tratam-se de regulações sexuais e de Gênero socialmente impostas que criam e mantêm desigualdades de toda ordem (MISKOLCI, 2014).

O termo queer pode ser interpretado por estranho, excêntrico, raro e extraordinário. A expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Este termo é assumido por uma vertente de movimentos homossexuais para



caracterizar sua perspectiva de oposição e contestação. Para eles, queer significa ir contra a normalização, tendo como principal alvo a heteronormatividade (LOURO, 2001).

A Teoria Queer só ganha forma em 1991, com o artigo “*Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities*” de Theresa De Lauretis publicado na revista *Differences*. Neste texto, a autora utiliza pela primeira vez o termo “Teoria Queer” para designar um estudo que teria como objetivo descentralizar a heterossexualidade de seu lugar padrão e falar sobre aquelas/es que foram esquecidos, patologizados e medicalizados durante a História das sexualidades (BENETTI, 2013).

A Teoria Queer é parte de um conjunto que podemos chamar de teorias subalternas, que fazem uma crítica dos discursos hegemônicos na cultura ocidental. Os/as teóricos/as queer focam na análise dos discursos produtores de saberes sexuais por meio de um método desconstrutivista. Enfim, busca romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações. Interrogando como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas (MISKOLCI, 2014).

### **Um olhar Queer sobre o Medievo: Reflexões e Diálogos Possíveis?**

De acordo com alguns comentaristas norte-americanos, estamos embarcando na segunda onda dos estudos queer e parece muito oportuno interrogar e/ou refletir sobre o possível diálogo entre a Idade Média e essa vertente de estudos aqui no Brasil. O que o queer pode dizer ou está dizendo para nós historiadores? E, para nós, enquanto medievalistas? O que este movimento subversivo e perturbador pode fazer e/ou faz no campo da História Medieval? Como bem ressaltou a historiadora Guacira Lopes Louro (2015), o queer não traz propostas, prescrições, em vez disso, fala-se em desconstruir. Não nos dá soluções, pelo contrário, nos provoca a realizar perguntas, a questionar o que parecia inquestionável.

É possível lançar um olhar Queer na documentação Medieval? Se sim, como? Se não, por quê? Em um artigo sobre as metodologias queer nos estudos medievais, o filósofo Michael O'Rourke da *University College Dublin*, afirma que os dois nem sempre foram felizes companheiros de cama. Tratam-se de duas disciplinas opostas, uma marcada pelo aparente tradicionalismo e a outra caracterizada por discursos antinormativizantes. A união de estudos queer e Medieval tem sido tanto produtivo como hostil. Os medievalistas (pelo menos aqueles que estão no campo da História da sexualidade) passaram a abraçar o “estranho” como seu “amigo-inimigo”. Alguns deles acreditam



que a Teoria Queer com a sua viragem pós-moderna não é a ferramenta ideal para fazer a História do desejo, do Gênero ou da sexualidade nos períodos anteriores a 1870 (O'ROURKE, 2011).

Parece-nos que a raiz do problema, é a falta de consenso crítico em torno do termo queer. Nem todo mundo que trabalha sob o signo de queer quer significar a mesma coisa, e o termo tem sido usado de muitas maneiras diferentes: teórica, política e social. Quanto ao não uso da Butler na medievalística, penso que se explica em muito por conta da ênfase na noção de Gênero como um resultado mais da "repetição" da performance do que da identificação de "diferenças sexuais", como coloca a Scott. Entretanto, como pensar isso para o medievo? Como pensar as "diferenças" fisiológicas no campo puramente discursivo? O "feminino" não se construiria, ainda que discursivamente (se aceitarmos esta proposição) a partir de uma condição fisiológica/biológica que é maternidade/procriação em potencial?

Michael O'Rourke (2011), afirma que é possível fazer intervenções queer sobre o passado e também escrever "estudos medievais estranhos" ou "esquisitos". Ele afirma que o trabalho queer não precisa ser subsumido sob as rubricas de Gênero e sexualidade, e pode ser traçado com outras linhas de investigação, tais como estudos de deficiência, estudos pós-coloniais, estudos de classe, etc.

Para ele, milhares de textos medievais estão esperando por nossas estranhas interpretações. Precisamos urgentemente de uma História de amor, amizade e intimidade entre homens e entre mulheres na Idade Média. Ao adotar processos não progressivos e não finalizantes do tornar-se, podemos criar histórias estranhas e heterocríticas que levarão a linhas de voo que desafiam as fronteiras do que foi, do que é e do que (provavelmente) será.

Também refletindo sobre o "medievalismo queer", a historiadora Sarah Salih (2003), afirma que o estudo da Idade Média ainda tem que negociar com a percepção, mantida por muito poucos/as medievalistas, acabar com a ideia de que o período é inocente, um tempo antes da individualidade, subjetividade, sexualidade, em que a teoria de qualquer tipo é uma rude imposição. Na medida em que a Teoria Queer é uma teoria da cultura e da História, exige ser testada em todos os períodos históricos para que as formações de sexualidade possam ser examinadas em toda a sua especificidade histórica. Em suma, o "medievalismo queer" oferece uma nova percepção do período aos medievalistas e uma maior densidade histórica aos teóricos/as e historiadores/as queer.



## Considerações Finais

Repetindo o que sempre se tem dito: ainda há muito que ser percorrido nos estudos realizados no campo da História Medieval no Brasil. Sobre a inserção do Gênero como categoria de análise histórica nos estudos sobre o medievo, o uso ainda recente, restrito e, em alguns casos, carente de rigor teórico-metodológico do Gênero nos trabalhos de Idade Média é um dos problemas a serem combatidos em nosso país (SILVA, 2006).

A partir das análises das dissertações levantadas por nós, verificou-se que todas elas estão concentradas na região sudeste do país, especificamente, no Rio de Janeiro. No nordeste brasileiro, por exemplo, são escassos e até mesmo ausentes dissertações, no campo do medievalismo, que utilizam a categoria Gênero como análise histórica. Que este artigo sirva como um convite para que medievalistas de outras partes do Brasil possam desenvolver pesquisas ancoradas neste arcabouço teórico.

Como bem salientou Fernando José Benetti (2014), a emergência de um saber ou campo de conhecimento não se restringe somente às publicações das/os autoras/os, como este trabalho se propôs a fazer, ela está entrelaçada em jogos de poder, em disputas, em ditos e não ditos, que devem ser percebidos pela/o pesquisadora/o que se propõe a escrever e analisar a abertura de uma nova porta no conhecimento e na pesquisa, a nível nacional. Historiografar um saber científico não é tarefa fácil e o que se fez aqui foi dar o primeiro passo de vários que podem ser dados para compreender como está se desenvolvendo, no campo do medievalismo brasileiro, os estudos de Gênero. O objetivo deste trabalho é abrir uma nova trincheira, que poderá ser desenvolvida e aprofundada por pesquisadoras/os no futuro. Ele está aberto e passível à desconstrução.

O mais importante é termos sempre em mente que História é um processo de rupturas, permanências, construções e desconstruções, logo, são múltiplos os seus olhares, o que significa que, jamais, teremos uma perspectiva única, melhor ou pior que outras. E como afirma o historiador francês Marc Bloch, a História é busca, portanto, escolha. Ela deve ser ampla, profunda, longa, aberta e comparativa (BLOCH, 2001).

## Referências

ALVARO, Bruno Gonçalves. **A construção das masculinidades em Castela no século XIII**: um estudo comparativo do poema de Mio Cid e da vida de Santo Domingo de Silos. 2008. Dissertação



- (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- AURELL, Jaume. O Novo Medievalismo e a interpretação dos textos históricos. **Roda da Fortuna**, v. 04, n. 2. p. 184-208, 2015.
- BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013). Florianópolis: UDESC, 2013. Monografia de Conclusão do Curso de História. Disponível online em: [www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf](http://www.pergamum.udesc.br/dadosbu/000019/000019b1.pdf).
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história**: princípios e conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Ed. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. **Sore ich me ofdredeheowolde Horn misrede**?: um estudo comparativo da sexualidade feminina no Romance of Horn (cerca de 1170) e em King Horn (1225). 2011. Dissertação (mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- CAVALHEIRO, Gabriela da Costa. Questões respondidas a Cassiano Celestino de Jesus em entrevista realizada por e-mail, dia 21/04/2017.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- FORTES, Carolina Coelho. **Os atributos masculinos das santas na Legenda Áurea**: os casos de Maria e Madalena. 2003. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- FORTES, Carolina Coelho. É Possível Uma História Medieval de Gênero? Considerações a Respeito da Aplicação do Conceito Gênero em História Medieval. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 07, 2006, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- JENKINS, Keith. **A história repensada**. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001. p. 102-104.
- LIMA, Marcelo Pereira. Gênero, Poder e Cultura Jurídica: um ensaio historiográfico. Rio Grande, **Biblos**, Rio Grande, n. 21, p. 133-153, 2007.
- LIMA, Marcelo Pereira. Fazendo Gênero na Medievalística: entrevista com Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. **Veredas da História**, v. 9, n. 2, p. 136-146, dez, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. **Revista Estudos Feministas**. V. 9, n. 2, 2001.



- LOURO, Guacira Lopes. Uma sequência de atos. **Cult.** São Paulo, ed. 185, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, R. **Para uma vida não fascista.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.
- LOURO, Guacira Lopes. **Educação e Saúde: aprendizados.** São Paulo: SESC, 2015. (Palestra).
- MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: nota introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes.** Dossiê Teoria Queer. v. 1 n. 2, p. 08-25, 2014.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias.** Porto Alegre, URGs, n. 2, 2009, p. 150-182.
- MISKOLCI, Richard. Um saber insurgente ao sul do Equador. **Revista Periódicus,** Salvador, v. 1, n. 1, p. 01-25, maio/out, 2014.
- PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus,** v.1, n.1, mai-out 2014, p. 68-91. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150/7254>. Acessado em 20 de jul. 2014.
- PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan Fernandes.** Dossiê Queer. v. 2, p. 26-45, 2014.
- O'ROURKE, Michael. Becoming (Queer) Medieval: Queer Methodologies in Medieval Studies: Where are We Now? **Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality,** v. 36, n. 01, p. 09-14, setembro 2003. Traduções nossas. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/6>
- PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Revista Estudos Feministas,** Santa Catarina, vol.17, no.1, p.159-189, abr. 2009.
- SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria Queer.** Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- SALIH, Sarah. A Response: Queer Medievalism: Why and Whither? **Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality,** v. 36, n. 01, p. 31, setembro 2003. Disponível em: <http://ir.uiowa.edu/mff/vol36/iss1/10>
- SCOTT, Joan Wallach. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: SCOTT, Joan Wallach. **Gender and Politics of History.** New York: Columbia University Press, 1999. p. 28-50.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. **Cronos: Revista de História,** Pedro Leopoldo, n. 6, p. 194-223, 2002.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). **Caderno Espaço Feminino,** Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 88-107, 2004.



SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil. JORNADAS DE HISTORIA DE LAS MUJERES, 8, 2006, Córdoba. **Anais...** Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba, 2006.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o gênero e o monacato hispânico medieval. **Opsis**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 141-164 - jul-dez 2010.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. A Península Ibérica medieval no Programa de Estudos Medievais de UFRJ. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n.2, p.81, maio 2012.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Os estudos medievais no Brasil e o diálogo interdisciplinar. **Medievalis**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 01, 2013.

SILVA, Daniele Gallindo Gonçalves. **Wîp unde man ze rehte prûeven**. A construção do feminino e do masculino em Parzival de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas “esposas”. 2005. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EdUSP, 2001.